

Resumo: psicologia do inconsciente

O livro psicologia do inconsciente é a primeira parte do volume 7 da obra completa de Jung. Ele vem de um texto chamado novos caminhos da psicologia, escrito em 1912, ano que Jung rompeu suas relações com Freud. Na 1ª edição do livro propriamente dito, de 1917, ele faz uma diferença mais geral, da forma mais simples que ele conseguiu, da sua perspectiva em contraste com as de Freud e Adler. Entretanto, esse texto passou por várias modificações até 1942, para chegar na forma que temos hoje, o que ele explica nos prefácios. Também é importante lembrar que ele escreveu esse livro durante a primeira guerra mundial, que havia chocado completamente o mundo europeu, que se considerava iluminado pela racionalidade. Imaginem o impacto que causou a descoberta de que o povo apoiado na ciência e na razão poderia se comportar de uma forma tão brutal. Jung acreditava que esse tipo de problema começava justamente quando as pessoas se tornavam inconscientes das próprias falhas, colocando toda a culpa sobre o outro grupo. **Aqui já vemos um dos pontos centrais da teoria junguiana que é começar a mudança por si mesmo em vez de esperar (ou pior, exigir) que os outros mudem.** Ele nunca acreditou que medidas coletivas como um decreto, ou a destruição da ordem vigente, aqui os opostos de caos e ordem, pudesse resolver esse tipo de situação, só a mudança de atitude do indivíduo. O Jung vai manter essa postura ao longo de toda sua obra, ele sempre suspeitou dos movimentos sociais de massa, dos militantes, seja os que apoiavam a ordem ou a desordem.

A psicanálise de Freud

Então ele inicia o livro falando de uma corrente de mudança no tratamento das neuroses, que, como outras psicopatologias eram tratadas por banhos frios, choques elétricos, exposição ao ar puro, etc. e que passaram a ser abordadas a partir de uma perspectiva psicológica, com os trabalhos de Pierre Janet, Charcot, Berhlem, culminando em Freud, com a psicanálise. Apesar de, desde antes de Freud, a ideia de os sintomas da neurose serem psicológicos e não fisiológicos já existir, foi ele que elaborou uma teoria de como esses sintomas se formavam, o famoso "Freud explica".

Seguindo a linha desses outros pesquisadores citados, Freud parte de uma teoria do trauma, ou seja, de que um evento emocionalmente intenso gera um abalo psicológico que dá origem ao sintoma. Porém, logo ele se questiona do porque certas pessoas reagirem tão fortemente a determinados eventos enquanto outras conseguem passar pelas mesmas coisas normalmente, sem desenvolver um sintoma. A resposta pronta "é uma predisposição" não satisfaz Freud, que buscou saber no que consistia essa predisposição. Jung diz que ele chegou a conclusão de que "não é o choque em si que provoca invariavelmente a doença, mas esta ocorre quando ele encontra uma determinada disposição psíquica, que poderia ser o fato de o paciente atribuir inconscientemente um significado específico ao choque" (p,9).

Posteriormente, Freud disse que o significado provinha de um conflito erótico inconsciente, um desejo reprimido.

Como forma de se esclarecer esse conflitos inconscientes foram usados a hipnose, o método associativo (falar a primeira coisa que lhe vem à mente quando ouvir uma palavra) e, por fim, a análise dos sonhos,

que foi considerada por Freud a via régia de acesso ao inconsciente. Os sonhos, de acordo com Freud, seriam realizações alegóricas do desejo reprimido, que é causa do conflito.

Enquanto para Freud a questão do desejo reprimido era primária, ou seja, era ele que dava origem à neurose, na visão de Jung é o desvio de assumir as dificuldades inerentes ao desenvolvimento humano que dão origem, secundariamente, a esses desejos incompatíveis que precisam ser reprimidos. **Para Jung, a neurose começa com o desvio de alguma dificuldade.** Também, diferente de Freud, ele acreditava que não só conflitos eróticos podiam ser causa de uma neurose, mas também uma moralidade reprimida, já que o homem é um ser moral que não depende somente de uma pregação para por freio aos seus instintos, pois existem outras necessidades humanas, especialmente as de convivência em sociedade, que atuam como os reguladores mais eficazes dos desejos egoístas.

Um exemplo bem conhecido da literatura para ilustrar um caso de moralidade reprimida é o livro Crime e Castigo, de Dostoiévski, onde o protagonista comete um assassinato após racionalizar para si mesmo que toda moral é uma construção social, mas no fim acaba por se entregar para a polícia por não aguentar o remorso. Jung enxerga o homem como esse ser formado de opostos, afirmando que o excesso de animalidade deforma o homem, assim como excesso de cultura cria animais doentes. Assim, ele reconhece a validade, mesmo que relativa, da teoria de Freud, que ele vai contrapor com a teoria de Alfred Adler.

A vontade de poder

Um dos primeiros discípulos de Freud, Adler, elaborou uma teoria das neuroses praticamente oposta à do primeiro. Enquanto Freud acreditava que um desejo reprimido era a causa da neurose, Adler enxergava a neurose como um meio de atingir um fim: a dominação por vias indiretas. A noção de que o homem quando dominado pelo instinto só busca o prazer não leva em conta o fato de não existirem somente instintos de conservação da espécie, mas instintos de autoconservação, que afirmam o poder do eu sobre o objeto.

Um exemplo de como esse instinto de autoconservação, ou vontade de poder, se manifesta, é a vida de Nietzsche, que, apesar de afirmar constantemente que sua vida era uma forma de dizer sim ao instinto, ele vivia no limite de um ascetismo intelectual para da expressão ao seu talento criativo, dando as costas para tudo que ele considerava medíocre, ou seja, a moral de rebanho, que busca apenas o conforto e a evitação da dor, perdendo o que há de selvagem no homem. Freud, por outro lado, diria que Nietzsche viveu uma vida de repressão dos instintos.

Para dar a dimensão deste contraste, entre a sexualidade e o poder, Jung interpreta um mesmo caso sobre a luz de ambas as teorias:

Uma mulher passou a ter sintomas neuróticos acordando durante a noite após ter pesadelos e crises de asma, exigindo que o marido lhe falasse repetidamente que lhe amava. Na investigação do caso foi revelado que ela tinha sido a filha preferida do pai, ocupando um lugar que normalmente caberia à mãe, que sofria dos mesmos sintomas neuróticos e por isso estava sempre ausente. Um dia ao passear ela nota o desejo no olhar do pai por outra mulher, e a partir dali começa a se comportar de maneira

estranha com relação a ele, com humores que oscilam do extremo do amor ao extremo do ódio, melhorando quando o pai se ausenta por períodos prolongados. Após a morte do pai ela tem algumas crises de riso que somem com o tempo. Se casa, se torna mãe de dois filhos e seus sintomas retornam depois de notar o interesse do marido por outra mulher, desta vez sintomas análogos ao de sua mãe.

Do ponto de vista freudiano, é o desligamento insuficiente do pai, relacionado com um desejo incestuoso reprimido, que encontra oportunidade de se manifestar como sintoma neste momento, pois a situação atual é uma analogia da antiga. Do ponto de vista de Adler, esses sintomas são uma forma de trazer de volta o controle do marido para si, já que eles surgem justamente quando ela percebe que não domina completamente o ambiente, assim como teve sintomas quando percebeu que não dominava completamente o pai. Cada crise neurótica gera uma ansiedade generalizada na casa, correria, telefonemas para médicos, etc, até terem certeza que ela já está bem, ou seja, é uma forma muito eficiente de tyrannizar a casa inteira. Aqui o desejo sexual não é o objetivo, mas simplesmente uma forma de dominar o ambiente. Ambas as formas de ver a neurose fazem sentido, mesmo que sejam mutuamente exclusivas. Então como conciliar ambas as visões?

O problema dos tipos de atitude

Jung buscou resolver essa contradição através da sua teoria dos tipos psicológicos, ou seja, a personalidade do teórico influencia sua forma de ver e, conseqüentemente, influencia o ponto de partida de sua teoria. Enquanto para Adler o neurótico é a pessoa que se supervaloriza em relação ao objeto, tentando dominá-lo de maneiras indiretas por não conseguir autoridade por vias legítimas, para Freud o neurótico é uma pessoa que é excessivamente dependente do objeto, como fonte de prazer, o que começa já na relação com os pais e é transferido para outras relações ao longo da vida. Jung chamou os sujeitos que se interessam mais pelo objeto de extrovertidos, enquanto os que se interessam mais por si mesmos de introvertidos. Um costuma ter uma visão negativa do outro.

Claro que, nos casos normais pelo menos, ninguém é puramente extrovertido ou introvertido. Existem outros determinantes importantes dos tipos de personalidade, com a função principal que o indivíduo usa, que pode ser pensamento, sensação, intuição ou sentimento. Jung fala em mais detalhes desta questão no livro tipos psicológicos. Por hora, o mais importante aqui é que ele considera a teoria de Adler como uma forma introvertida de ver o mundo, onde o fator dominante é o sujeito, e a teoria de Freud como uma forma extrovertida de ver o mundo, onde o fator determinante é o objeto. Naturalmente, cada uma dessas teorias vai se aplicar melhor dependendo do caso do paciente, assim como a própria teoria do Jung vai se relacionar melhor com certos casos e não funcionar com outros, o que ele mesmo não hesita em falar, por mais que as teorias que pretendem dar conta de todos os casos possíveis sintam isso como uma ofensa.

Jung considera as teorias de Freud e Adler úteis para lidar com essas tendências patológicas que inflam o sujeito e trazê-lo de volta para a banalidade do dia-a-dia. Ou seja, elas são úteis quando é necessário destruir uma forma patológica de ver a vida, mas não quando é preciso construir algo. Por isso, **Jung não enxergava apenas o lado doentio dos sintomas neuróticos, mas também os enxergava como tentativas de resolver um problema, de construir algo, de dar um sentido à vida.** Uma resposta puramente redutiva diria “a vida não tem sentido maior, isso é apenas infantilidade e negação da realidade”,

consequentemente tratando todas as grandes filosofias, religiões e obras de arte da humanidade, justamente as coisas pelas quais vale a pena viver, como substituições de um desejo reprimido, ou como um tipo de droga para se entorpecer, o ópio das massas. Na prática, a vida sem sentido é tão ou mais doentia quanto uma vida com um sentido inadequado e infantil, que precisa ser refinado.

Um exemplo desse cinismo excessivo é o personagem Rick, da série Rick e Morty. Ao mesmo tempo que Rick é arrogante a ponto de se identificar com Deus, reduzindo tudo a causas materialistas, por exemplo quando ele diz para Morty que o amor é só uma reação química que faz os animais se reproduzirem, ele é alcoólatra e tem uma atitude claramente depressiva, que leva a uma necessidade de estimulação cada vez mais forte, procurando experiências bizarras, para sentir algo. Por mais que seja engraçado no lugar certo, esse cinismo se tornou uma virtude e sinônimo de inteligência hoje, buscando um lugar de valor central que não lhe pertence, o que é extremamente perigoso.

Mas, por mais que seja difícil enxergar o valor de um sintoma neurótico, não são poucas as pessoas que agradecem aos seus problemas pois possibilitaram seu desenvolvimento. Isso pode parecer conversa de coach superficial que não passou por um problema realmente duro para falar essas coisas. Porém pessoas que passaram por situações que a maioria de nós julga insuportável, chegam a essa mesma conclusão.

Aleksandr Solzhenitsyn, por exemplo, foi um sobrevivente dos campos de concentração comunistas. Imaginem um lugar que combina a criatividade para a crueldade dos nazistas com a possibilidade de usar o frio da Rússia como instrumento de tortura. Não bastando estar ali, ele ainda teve câncer lá. Mesmo assim, ele diz em uma entrevista, em uma idade avançada, que foi graças à prisão que ele se desenvolveu verdadeiramente como escritor, e que só as pessoas que encontravam um sentido para seu sofrimento conseguiam sobreviver naquelas condições.

Jung diz que, por mais que a neurose cause sofrimento, é muitas vezes ela que obriga o indivíduo a desenvolver seus potenciais que ele queria ignorar, fazendo-o olhar para si mesmo. Claro que isso não é dizer que todos os casos de sintomas psicológicos podem ser explicados dessa maneira, o lado sombrio destes sintomas é uma realidade. Porém, isso não muda o fato de que para lidarmos com os desvalores de uma pessoa nós precisamos encontrar o que ela tem de valor. A neurose contém energia útil aplicada de forma inútil. As teorias redutivas ajudam a destruir essa forma inútil, a energia que antes estava ali, liberando-a para um novo uso.

Entretanto, para Jung, esse uso não é um uso livre, que pode ser sublimado para qualquer atividade que gostaríamos de executar. Pelo contrário, a nova forma de aplicação dessa energia surge do inconsciente e não raro vai por uma direção que nós não gostaríamos de ir, por isso sendo reprimida, justamente por se algo que requer esforço e é difícil de ser executado, exigindo que desenvolvamos a parte inferior da nossa personalidade. Assim, preferimos o sintoma que, por mais que cause sofrimento e vergonha, não requer nenhum esforço. Então é extremamente importante observar as manifestações do inconsciente para entender para que tipo de forma a energia está sendo direcionada, para que o indivíduo possa seguir essa mesma direção.

Jung dá como exemplo o caso de um empresário que, após ascender por uma carreira brilhante, tinha o objetivo de se aposentar e aproveitar a vida em uma fazenda com todos os tipos de luxo. Entretanto, sintomas neuróticos começam a se manifestar, o tornando uma pessoa extremamente hipocondríaca. Ele tenta lidar com esses sintomas voltando ao trabalho, mas isso não é possível, pois a energia já escolheu outro objeto.

De acordo com Jung, a hipocondria era uma forma de fazer o paciente voltar ao corpo, já que até ali ele havia vivido apenas através do pensamento. Porém já era um caso avançado e o paciente se recusou a mudar de atitude, resultando em um tratamento paliativo que continuou até sua morte.

Por isso, a terapia só começa de verdade quando o paciente entende que o que lhe barra o caminho não é algo externo, mas algo que está dentro dele, e que está lhe chamando atenção para algo ignorado. Por isso o conflito desses opostos, consciente e inconsciente, é imprescindível para o autoconhecimento. Porém ainda existem algumas complicações com relação ao confronto com o inconsciente pois, na teoria junguiana, ele não é somente constituído de conteúdos pessoais, mas também de formas coletivas que são inerentes à espécie humana, o chamado inconsciente coletivo.

O inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo

No estágio do tratamento onde o paciente já reconheceu as patologias da própria atitude infantil, a energia liberada pela dissolução dessa atitude patológica retorna ao inconsciente e atinge camadas mais profundas, ou seja, passa do inconsciente pessoal para o inconsciente coletivo. Aqui ele já entende que o problema não é o outro mas algo dentro dele mesmo, um oposto com o qual ele deve se confrontar.

Enquanto o inconsciente pessoal é constituído de experiências da vida como traumas, conteúdos reprimidos, percepções subliminares e fatos esquecidos, o inconsciente coletivo se constitui de formas psíquicas universais, que fazem parte da psique de toda a humanidade. Essas formas universais se expressam nos temas mitológicos que se repetem ao redor do mundo todo, que possuem uma mesma estrutura mais com imagens diferentes.

Jung diz que nas fases iniciais do tratamento, o paciente costuma associar o terapeuta com o pai, a mãe e outras figuras que tiveram importância na sua vida, dando origem ao que Freud chamou de transferência, possibilitando que a relação com essas figuras sejam atualizadas. Por outro lado, quando o tratamento ultrapassa esse nível pessoal, os conteúdos que surgem podem ter um caráter mais mitológico, ou seja, o paciente passa a enxergar o terapeuta como um deus ou como um demônio dotado de poderes mágicos. Em vez de projetar esses conteúdos o paciente também pode introjetá-los e passar a enxergar a si mesmo como deus ou demônio, não raro alternando entre os dois. Por isso o homem sempre precisou de sistemas mitológicos para se relacionar com essas figuras do inconsciente, ajudando a separar o indivíduo desses conteúdos e ao mesmo tempo se relacionar com eles.

Assim, encontrar uma forma de se relacionar com esses conteúdos sem se identificar com eles nesse estágio é uma questão de higiene psíquica. Assim, encontrar uma forma de se relacionar com esses conteúdos sem se identificar com eles nesse estágio é uma questão de higiene psíquica. A ideia de Deus, ou seja, de um ser todo poderoso e central, e uma função psicológica universal e quando não existe de forma consciente, existe no inconsciente e acaba deificando algo insignificante, como alguma ideia

política ou qualquer outra novidade rasa inventada por “consciências esclarecidas”. É justamente esse vazio que a análise vem preencher, ou seja, como se relacionar com esses fatores inconscientes de forma adequada, especialmente para os indivíduos modernos para os quais os sistemas mitológicos não fazem mais sentido.

Neste caso, nenhum sistema mitológico pode substituir a necessidade da vivência individual, apesar de poderem ajudar a dar forma a certas experiências. Inclusive, é muito comum que as imagens arquetípicas surgidas a partir do inconsciente contradigam o sistema mitológico que a pessoa adota como referência, como imagens que lembram o paganismo surgindo nos sonhos de indivíduos cristãos. Neste caso a pessoa, se não reprimir essas imagens, pode cair numa tendência sincrética de acumular o maior número possível de imagens religiosas ao redor de si para conseguir dar forma às suas experiências.

Porém, na visão de Jung, isso também não resolvia o problema. Para ele, a atitude correta seria a de entender o sentido dessas imagens e vivenciá-lo da forma mais plena possível, já que uma das funções do arquétipo é usar as formas instintivas universais da humanidade para organizar e apontar direções de solução para problemas individuais. Uma das formas de entender o sentido dessas imagens arquetípicas e as direções para as quais elas apontam é através da análise dos sonhos.

O método sintético ou construtivo

Então, só para recapitular o que foi dito até aqui. Uma atitude neurótica pode surgir tanto de uma dependência excessiva do objeto, de acordo com Freud, como de uma supervalorização de si em relação ao objeto, de acordo com Adler. Após entender o que o problema está dentro não no outro, surge a questão inevitável do que fazer com esse entendimento. De acordo com Jung, neste momento onde a forma antiga não serve mais e o indivíduo não sabe para onde ir, as formas do inconsciente começam a se ativar não só para representar este conflito mas para apontar uma possível direção de solução. Ou seja, não existe resposta pronta para como resolver essa situação, ela deve vir a partir de dentro.

A análise é um dos meios de ajudar neste processo, mas não o único.

O método de Jung difere do de Freud por olhar não somente a causa do sintoma, mas tentar entender a direção para qual ele aponta, ou seja, uma síntese. Esse diálogo entre a consciência que busca entender o sentido das formas produzidas pelo inconsciente é o que Jung chamou de função transcendente. Ele ilustra essa diferença com mais um exemplo de caso.

Uma paciente tem um sonho onde ela tenta atravessar um rio por um vau mas acaba sendo impedida por um caranguejo que estava escondido na água e segura o seu pé. Ela associa o rio como um obstáculo difícil de transpor, sua situação neurótica, o vau como uma possibilidade de superar o problema (a terapia) e o caranguejo como um câncer que matou X, uma conhecida, e também se lembra das brigas repetidas que tem com uma amiga da qual não consegue se separar.

Através de análise, descobriu-se que ela tinha desejos homossexuais inconscientes em relação à amiga, para a qual ela havia transferido os afetos que tinha em relação à mãe após a morte desta. Numa análise causal seria esse desejo infantil por uma amor materno incondicional que lhe manteria presa à amiga e a

impedia de continuar seu desenvolvimento e entrar em um relacionamento amoroso autêntico. Aqui vemos todos os personagens do sonho como objetos externos.

Porém, na visão de Jung, os personagens dos sonhos não dizem respeito somente aos objetos externos, mas também são representações de partes da personalidade do próprio sonhador. Assim o caranguejo que impede sua passagem, assim como o rio e o vau, são representações de elementos de sua própria psique. O caranguejo é associado com a mãe e com a amiga, como um desejo infantil por um amor absoluto. Mas também é associado com X, uma mulher que se casou com um artista “sinistro e fascinante” após a morte do primeiro marido, desenvolvendo seus próprios dons artísticos e morrendo de câncer prematuramente.

A paciente enxergava essa morte prematura como um castigo por X ter seguido esses impulsos, o que lhe amedrontava de entrar numa relação sexual com um homem deste tipo e viver esse tipo de vida, que no fundo ela invejava. Ao mesmo tempo, X representava os potenciais artísticos não desenvolvidos da paciente, que tornavam o artista uma pessoa ao mesmo tempo fascinante e sinistra. Para fugir desta parte de sua personalidade, inconscientemente ela assume o papel do artista na relação com a amiga, que funciona como amante. Na visão de Jung, se ela simplesmente se separar da amiga, por achar que o objeto é o problema, sem desenvolver seu potencial artístico e viver sua sexualidade, que são os conteúdos inconscientes que mantêm essa relação, ela simplesmente vai acabar em outra relação com a mesma estrutura.

Esse é o caso de muitas pessoas que acham que seu problema é a relação com os pais, se afastando destes só para criar uma relação idêntica à dinâmica familiar com outras pessoas. Por exemplo, se separa de um pai alcoólatra para se casar com um marido alcoólatra, se afasta de uma mãe dominadora para se casar com uma mulher da mesma atitude, etc. Ou seja, o problema não é a relação com a amiga da qual ela tem que abrir mão, mas os conteúdos projetados que mantêm essa relação e que devem ser desenvolvidos na própria paciente para que a projeção seja dissolvida. Aqui a ênfase é muito mais na direção do desenvolvimento do que a causa do sintoma. De novo, não podemos generalizar isso para todos os casos, aqui estamos falando deste caso específico.

Os arquétipos do inconsciente coletivo

No caso da paciente de Jung, a projeção que antes estava em X, no artista e na amiga passaram para ele, e na forma de conteúdos do inconsciente coletivo. Ele notou isso quando a paciente lhe atribuiu características mitológicas, chamando-o de feiticeiro sinistro. Jung diz que quando o tratamento chega neste estágio é imprescindível que o paciente saiba se diferenciar e diferenciar os outros das imagens do inconsciente coletivos, para evitar aquele problema que citei antes, de endeusar e ou demonizar a si e ao outro.

A atitude racionalista que nega a existência dos deuses acaba reprimindo os fenômenos psíquicos correspondentes, tentando excluir tudo que é irracional da vida. Como tudo que é reprimido no inconsciente se expressa de maneira inferior através de sintomas, o indivíduo racionalista acaba se tornando cego para a própria irracionalidade e acaba por ser responsável pelas maiores catástrofes na sua própria vida e na dos outros.

Essas tentativas de controle totalitário da vida, em massa, dão origem às ideias de criar uma utopia onde tudo estará de acordo com as intenções racionais, e que no fim acaba por gerar o contrário. Era essa dinâmica que Jung via por trás das ideologias nazistas e comunistas do século XIX, que na tentativa de criar uma sociedade perfeita, onde tudo obedece às intenções racionais do indivíduo, acabaram por criar verdadeiros infernos na terra. Isso porque **o irracional não pode ser excluído da vida sem ser substituído por uma forma inconsciente patológica**. Foi o que aconteceu no caso da paciente de Jung, que ao fugir da vivência do seu próprio lado irracional acabou por vivê-lo em uma forma inferior, numa relação perturbada de tirania com sua amiga.

Já que o retorno da relação cultural com o arquétipo é impossível para muitos indivíduos hoje, tanto pelo desenvolvimento intelectual quanto pela herança cristã, nos resta entender essas imagens como realidades psíquicas autônomas, fora do controle da consciência. A compreensão da existência de fatores psicológicos fora do nosso controle nos faz observar cuidadosamente as reações que nossas atitudes causam no inconsciente para que exista esse diálogo constante entre interior e exterior, como forma de progredir sem perder o equilíbrio. Esse diálogo foi o que Jung chamou de função transcendente.

No caso dessa paciente, ela não estava preparada para deixar o estado neurótico, por isso ela foi retida pelo caranguejo, como algo que puxa para trás. Existiam fatores irracionais que ela ignorava e que precisavam ser desenvolvidos para permitir o seu progresso. Ao mesmo tempo, o inconsciente coletivo aparece na forma do caranguejo como algo perigoso, ou seja, existe a possibilidade de ser arrancada da vida por um excesso de fantasias. Por isso era necessário um trabalho prático de compreender o sentido dessas imagens e desenvolver o que tinha sido deixado para trás, especialmente as obrigações do dia-a-dia. Observar esses sinais antes de fazer as grandes mudanças na vida era prática comum entre os primitivos e na Antiguidade.

Na Ilíada, por exemplo, que conta a história da guerra de Tróia, os heróis estão constantemente observando o sinal dos deuses para saber se é lícito continuar com seus ataques ou se é melhor recuar. Quando os deuses estão contra, por mais que o herói possua uma força superior que seu adversário, ele acaba por sucumbir quando ignora os sinais dos deuses em sua arrogância. Por isso essa atitude de observar essas reações irracionais do inconsciente e levá-las a sério lembra tanto a atitude religiosa, não no sentido de religare, que significa religar, mas de religere, que significa considerar cuidadosamente.

Para essa paciente específica era muito difícil entender a necessidade de se levar o irracional em conta, especialmente quando ele aparece em linguagem mitológica, já que a religião não tinha lugar em parte alguma da vida consciente.

Essa linguagem mitológica do inconsciente se refere às vivências típicas da vida humana e, por isso, nos ajuda a atravessar este tipo de momento. A mudança de fases da vida, por exemplo, é uma vivência universal e precisa de atualizações de atitude, mortes e renascimentos, para que o progresso seja possível.

Assim como a paciente de Jung, o herói trava o combate com o monstro às margens do mar, sendo inicialmente engolido, carregado no mar durante a noite e, após cortar uma parte vital do monstro como

o coração, é vomitado na praia ao nascer do Sol, trazendo de volta todos que haviam sido engolidos anteriormente. É só após recuperar alguma parte vital que estava retida no inconsciente que a vida pode prosseguir, o que pode exigir um período de introversão e vivências simbólicas, aparentemente inúteis de um ponto de vista racional, para que a direção que se deve tomar fique clara. Portanto, a paciente ainda precisava de uma maior compreensão e realização desses conteúdos inconscientes, aprender a estabelecer uma relação com eles, e desenvolver o que não estava desenvolvido, antes conseguir dar o próximo passo em seu desenvolvimento.

Por isso muito depende da interpretação correta dos sonhos e símbolos produzidos pela psique, o que pode levar um longo tempo de elaboração antes da resposta efetiva da questão.

A interpretação correta é seguida de mudanças nos sonhos que indicam progresso e trazem um sentido de vitalidade renovada, enquanto a interpretação incorreta traz de volta os mesmos motivos de maneira ainda mais intensa, e geram a sensação de desinteresse e estagnação. Claro que também, existem os casos onde o paciente deliberadamente resiste a fazer qualquer tipo de mudança de atitude, mas também existem os casos onde os terapeutas subestimam excessivamente seus pacientes, tratando-os como crianças. Prestar atenção no inconsciente é importante justamente para conseguir tirar essas dúvidas.

No caso usado como exemplo, a progressão de alguma forma foi retida para uma maior elaboração, mas não é assim em todos os casos. Jung cita outro exemplo de um rapaz que foi incentivado pelos símbolos inconscientes a fazer as mudanças necessárias para se tornar um homem adulto, com sonhos que se expressavam de maneira similar aos ritos de iniciação religiosa, que visam a transformação do homem de uma forma mais animal infantil para uma forma adulta espiritualizada.

A interpretação do inconsciente

O inconsciente possui um aspecto perigoso, por isso ele não deve ser tratado levemente ou por jogos sociais. Existem casos onde o contato com o inconsciente, para uma consciência despreparada, pode provocar uma psicose em pessoas que até então pareciam saudáveis. Por outro lado, ignorar o inconsciente também é fonte de incontáveis problemas, inclusive acidentes fatais que, muitas vezes, são preparados com muito tempo de antecedência pelo inconsciente. Porém o inconsciente só assume um aspecto hostil na maioria dos casos quando há uma franca oposição por parte de uma consciência unilateral que exclui um dos instintos, seja o animal seja o espiritual.

Assim, caso a consciência consiga resistir à tentação de sofrer uma inversão completa ao lidar com o inconsciente, pode-se confiar tranquilamente nos direcionamentos deste, que possui conteúdos prospectivos, ou seja, potenciais latentes que precisam ser desenvolvidos e que, no momento propício, pressionam para penetrar no campo da consciência. Realizar esses potenciais conforme eles surgem naturalmente do inconsciente é que leva o ser humano a realizar sua essência de modo mais plena, ou seja, tornar-se quem se é. É isso que Jung chamou de processo de individuação.

Como este é um livro introdutório, muita coisa foi simplificada para dar uma ideia geral de como esse trabalho funciona. Por isso, Jung não fala muito sobre os diferentes arquétipos, como velho sábio, animus, anima, grande mãe, sombra e si-mesmo, da mesma forma que fala apenas superficialmente dos

tipos. Pretendo abordar esses assuntos em resumos falando das respectivas obras onde ele trata desses assuntos.